



# O Gaiato



**PORTE PAGO**

Quinzenário

3 de Novembro de 1990

Ano XLVII - Nº 1217 - Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## Notas da quinzena

A chuva cai sem parar. Choveu durante toda a noite. Ao escrever estas notas, estou a pensar nos que vivem em barracas, cobertas com plástico ou telhas esburacadas. Não estou tranquilo. Quero, por isso, abrigar-me no teu coração com os gemidos das crianças e a aflição das mães que não sabem como fazer para fugir à chuva, no cerco de tábuas velhas — a barraca. Não penses que estou a falar-te de um país do terceiro-mundo, como se diz, para te deixar indiferente no teu palácio ou na tua casa pobre e aconchegada. Peço-te que abras a janela, como estou a fazer, e olhes para além do teu ninho humano, te aproximes e sintas a chuva que cai na cama dos que vivem em barracas. Não estou a falar-te dum mundo longe do teu. Ele está ao pé da tua porta.

Saí, ontem, de casa, para ver melhor. Tinha recebido recado dum coração inquieto com a sorte dos que vivem para além da cidade do cimento armado e dos prédios cheios de luz e conforto. Desci a encosta com barracas poisadas nos socacos, encostadas umas às outras para não caírem, e voltei a subir, batendo a uma porta e a outra, a ver se encontrava a mulher cancerosa com dois filhos pequenos, abandonada pelo homem que os ajudou a gerar e desapareceu, entretanto. Na subida escorregadia, num pequeno patamar de terra batida e molhada, veio ao meu encontro uma rapariga ainda nova, com o filho ao colo e outra menina pela mão, a dizer-me que ia buscar um plástico para cobrir a barraca que as chapas eram muito caras. O pai dos filhos foi-se para longe e deixou-os. Ia comigo uma Irmã,

das que não se resignam a viver fechadas em fortalezas bem seguras e abrigadas, mais um rapaz dos nossos, de coração de ouro e habituado a estes lugares. Quem dera ao mundo que, a par dos grandes colégios nos centros urbanos, de fáceis acessos cobertos pelo asfalto, fossem levantados outros tantos nos bairros, que tivessem por tecto o firmamento e os alunos fossem os filhos e as filhas desta gente que não sabe em quem acreditar. Oh, a Igreja de Jesus Cristo havia de aparecer como a revelação do único Amor que liberta o ser humano e provoca a admiração e sedução dos que estão dentro e dos que estão fora! Era o advento do Reino. E, quem sabe? As vocações surgiriam pela força dos gemidos das criaturas que sofrem as dores do parto de uma

Continua na página 4

## CANTINHO DAS SENHORAS

Este «Cantinho» começou num Retiro de um dos últimos anos. As notas que tomei, então, foram lidas e relidas. Guardei-as. Fazer um «Cantinho das Senhoras» para quem ler, para quem ouvir e responder? Deixei de escrevê-las durante algum tempo. Ouvi algumas críticas por causa disso. Uma das razões porque o fiz: o desencanto que eu sinto. Noto que outros e outras o sentem também.

As senhoras que servem a Obra da Rua, já há muitos anos, querem mostrar a sua dor, porque vão perdendo forças físicas e as esperanças de quem as venha substituir também se vão desgastando nelas.

Nós temos consciência de que partimos da Igreja, servimos e permanecemos na Igreja porque vivemos n'ela.

Por isso dirigimo-nos sempre ao Povo de Deus, em Igreja. E é nesse mesmo Povo de Deus que pomos a nossa esperança.

A D. Helena, do Tojal, disse nesse Retiro: «Final há gente para tudo: Retiros, Conferências, Cursos, Reuniões, etc... E, afinal, não aparecem senhoras para servir os Pobres mais pobres? Os mais pequeninos? Já não haverá mulheres que sejam capazes de se dar gratuitamente, generosamente, como no tempo de Pai Américo? Mulheres que sejam capazes de estar 'presas'?»

Ela disse mesmo assim, na sua linguagem singela: «É preciso dizer às pessoas que a Obra da Rua não é um 'papão' que meta tanto medo. Os Rapazes não são tão maus que se não possam aturar e os Padres e as Senhoras lá se vão aturando uns aos outros com as suas qualidades e defeitos. O trabalho que

Continua na página 3



Em tudo eles — os Doentes. E tudo por via deles. A Natureza é o melhor tonificante. O ar puro — do Calvário — coado pela vegetação mimosa, varre da imaginação os pensamentos sombrios; as cores vivas das flores inspiram o sentido do belo e elevamo-nos acima de nós próprios.

Padre Baptista

## DIREITOS DA CRIANÇA

NATURALMENTE, é com certa dificuldade e algum desencanto que vou seguindo *pari passu* a jornada parlamentar do passado 5 de Abril. Nós somos mais da pele da «Zaragateira» que da dos políticos. Entendemos melhor a linguagem dos que fazem que a dos que dizem. Mas também entendemos a importância do dizer quando a intenção sincera é fazer reflectir para remediar.

Foi esta a escola de Pai Américo: Pôr o dedo na ferida... ao curá-la. De modo que o eco da sua denúncia soava ao mesmo tempo que a boa notícia de que o mal apontado começava a ser remediado. Foi assim com o problema da criança em risco, da família sem casa, do doente sem cura e sem abrigo. «Salva um, salva dois... — dizem para aí. Mas eles são tantos os que se têm salvo! E ainda que fosse um só, valia a pena!» — tal era a consideração que a Pai Américo merecia a dignidade do Homem.

Desta escola que somos, compreende-se que não consigamos sintonizar bem a linguagem corrente em S.Bento. A nossa maior esperança está na ideia nova que parece ir crescendo por lá de que, nestes projectos que visam o Homem em dificuldades, é melhor entregar a sua execução aos chamados do que aos nomeados; e mais rendível (não tanto económica como, sobretudo, humanamente) confiar nas estruturas leves e espontâneas do voluntariado do que nas organizações pesadas da Burocracia oficial.

No entanto, as exposições daqueles que tiveram a seu cargo as intervenções de fundo até são positivas no esclarecimento da situação presente da criança em Portugal e completam-se umas às outras, pois se o tema não é fácil de ser esgotado por todos, quanto mais por cada um dos intervenientes.

A realidade é que o debate daquele dia terminou sem conclusões. Todos pretenderam e, porventura, terão posto o dedo na ferida, mas ninguém lhe chegou um bocadinho de remédio. E passados sete meses, ignoro que alguma decisão tenha nascido do debate, o que, no caso, não seria um parto prematuro.

Todavia, há um ponto comum focado por gente de todas as bancadas que me parece ser a causa principal do problema tratado naquele dia: a Família.

Estruturas legais «para definir o enorme elenco de direitos da criança e códigos penais para reprimir, severamente, os crimes de que diariamente são vítimas», até os haverá... Até, talvez, não sejam más de todo...!

Continua na página 4

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

«CASA DO XAI-XAI» — Sempre que possível, acompanhamos a reconstrução da moradia e, para além do mais, reflectimos, ali, sobre a sua utilidade para os Pobres. Lembramos utentes já no Reino dos Justos. Famílias que recolheu ao longo de quase quatro décadas, cujos filhos se promoveram socialmente. E outros que virão beneficiar desta habitação — porque mal alojados.

Entregamos tudo na mão do Senhor, invocando a Providência Divina que não falha.

O povo fica admirado com o aproveitamento da área coberta, projectada para um agregado normal (pais, filhos e filhas) viver com dignidade e recato: três quartos, sala-cozinha, sanitários. A nossa angústia, porém, é a casa não ter água. Nem se prevê quando haja dela ao domicílio. Outro empreendimento longínquo: rede pública de saneamento. Custaria os olhos da cara ao erário público, dizem. Mas a ausência desta infraestrutura polui os níveis freáticos. São obras que deveriam acompanhar o explosivo crescimento urbano. Contudo, só depois, quando todos berram, com razão, se põe água na fervura.

No meio da *procissão* descobrimos, apenas, uma oferta para a reconstrução

da «Casa do Xai-Xai», proveniente duma Irene lisboeta, que afirma:

«Envio um cheque para uma telha da Casa do Xai-Xai. É uma areia no fundo do mar, esta dívida tão pequenina; mas, com muita vontade de dar muito mais, peço uma oração pelos meus queridos que já me deixaram: marido, filho e dois netos. Peço também desculpa do tempo que roubo a ler estas minhas palavras. E do fundo do meu coração desejo-vos saúde para continuarem uma obra que não pode parar».

Estes mil escudos, qual «areia no fundo do mar», precisam de ser multiplicados. O empreiteiro não tarda a pedir mais para continuar o trabalho!

PARTILHA — Assinante 4395, de Vila Nova de Famalicão, 5.000\$00 para «aplicar-se segundo o vosso critério». Caridade perfeita!

O habitual vale de correio, da Avenida dos Missionários, Cacém. A presença assídua, do Fundão: «Desculpem esta 'distribuição' que só representa as minhas devoções. Qualquer outra que tenhais por mais conveniente estará bem». Assim seja.

Assinante 29650, de Sintra, 2.500\$00. «Para ajuda de alguma família», 2.000\$00 do assinante 3359, do Porto. O costume, da «Avó de Sintra». Cinco mil, da assinante 26152, da Foz do Douro, destinados a «uma viúva com filhos, auxiliada pela Conferência do Santíssimo Nome de Jesus». Um cheque da assinante 113, do Porto, «pedindo orações, sobretudo por uma doente querida, na recta final. Abraça-vos em Jesus». Que bem!

Outros mil, da viúva do assinante 13245, da capital do Norte: «É pouquinho, mas Nossa Senhora o fará aumentar, por dadas de outros que mais possam». Hoje, temos uma *procissão* tripeira! Mais 500\$00 sufragando a alma do assinante 30828.

Mais 3.000\$00 do assinante 32763, de Mortágua, 1.000\$00 de «uma portuense qualquer». E três vezes mais de Monte Real.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## PAÇO DE SOUSA

CATEQUISTAS — Para uns, é acção difícil; mas, para outros, relativamente fácil.

Aconteceu em nossa Casa: Vítor Centeio, «Patinhas», «Rolhas», «Pomba» e «Corneto» tomaram a decisão de ensinar aos nossos irmãos a doutrina cristã. É uma alegria para todos nós, pois receberam e ouviram; agora, dão.

VISITANTES — São todos bem recebidos. Por isso, não deixam de nos procurar, com a amizade de sempre. Somos a Porta Aberta. Falo por todos: muito obrigado pelas visitas dos nossos amigos.

VINDIMAS — Acabaram! Todos esperavam a conclusão da faina, com alegria. No entanto, a malta já tem saudades dos saborosos cachos de uvas e anseia pela vindima do próximo ano. Queira Deus seja tão farta como a actual. Pipas cheias, Bom' vinho. A maior parte da colheita foi vendida a uma empresa de vinhos de marca.

MUDANÇAS — Periodicamente há mudanças de trabalho, especialmente quando os rapazes atingem os dezasseis anos.

Para uns, a alegria corre nos olhos e na boca; outros, mostram *lágrimas* de saudade pelos serviços de que eram responsáveis.

SUÍNOS — Os porcos estão bem gordos. As pocilgas, cheias. Não há lugar para mais! Temos vendido leitões e, brevemente, é de crer que haja outra matança.

DESPORTO — Defrontámos uma equipa vizinha, do Lugar das Cavadas. Jogo-treino em que ambos os grupos realizaram uma boa partida de futebol. Resultado final: 4-3. Vencemos sem dificuldade. Foi mais uma preparação para o torneio Inter-Casas.

Continuamos com necessidade de material desportivo. Se algum Amigo nos puder atender... Aqui, nunca é demais! Obrigado.

TIPOGRAFIA — Fazia muito jeito — para a formação profissional dos nossos gráficos — que os empresários, nossos amigos, nos dessem encomendas de impressos com as seguintes características: mapas (especialmente do A2 ao A4) e, sobretudo, impressos de grandes tiragens, da ordem das dezenas, centenas de milhar.

É certo que o computador vem arrumando com os mapas.

Já o mesmo não sucede em relação a outros impressos, de dezenas de milhar, para uso interno de empresas com várias delegações, para campanhas publicitárias, etc.

Esperamos o melhor acolhimento e agradecemos antecipadamente.

Lupricínio

## MIRANDA DO CORVO

AGRICULTURA — Com o vento que tem soprado, cai alguma azeitona, apanhada pelos mais pequeninos. É recolhida para fazer azeite, tempero das nossas refeições.

O milho está seco e foi arrecadado. Num fim-de-semana, um grupo de estudantes satchou a leira de couve-flor. Está com excelente aspecto.

GADO — As galinhas continuam a pôr ovos para a nossa alimentação e as porcas dão à luz muitos leitões. Tantos que já quase não cabem nas pocilgas!

VISITANTES — Recebemos uma excursão de Santa Maria da Feira. Realizámos um jogo de futebol, outros jogos, e oferecemos uma merenda à Comunidade. Obrigado.

DESPORTO — Pedimos resposta aos nossos companheiros, de Setúbal, sobre o torneio Inter-Casas.

Temos muita necessidade de equipamento desportivo. Pode ser que algum leitor nos ouça. Obrigado.

CALÇADO — O nosso Padre Telmo distribuiu calçado de Inverno pelos rapazes. Andam todos com botas novas.

Ângelo

Fontes

## TOJAL

DESASTRE — Eclodiu um fogo no nosso olival. Ardeu um bom bocado de terreno e oliveiras.

O Rafael e os rapazes deram conta de tudo. Podia ter sido pior!

ESCOLA — Temos muita gente a estudar: 24 rapazes no Ciclo Preparatório, 8 no Secundário e 3 no ensino nocturno. Esperamos que todos aproveitem, ou quase todos.

CONVÍVIO — A nossa jovem equipa, no último fim-de-semana de Setembro, jogou em Setúbal. Em quase toda a primeira parte tivemos o jogo na mão.

Por descontrolo na defesa, entraram dois tentos antes do fim da primeira parte. Na segunda, descemos o nível de futebol e eles, por fim, empataram 3-3. Esperamos que retribuam a nossa visita.

RETIRO — O Hélio e o Santana participaram num Retiro, dias 5, 6 e 7 de Outubro, em Venda do Pinheiro. Alguns dos nossos companheiros tiveram a alegria de assistir ao respectivo encerramento. Que isto se repita muitas vezes.

DESPORTO — No dia 5 defrontámos os antigos gaiatos.

Há muito tempo que não ganhávamos e, assim, acabou a tradição: 4-2 a nosso favor. No domingo, de manhã, jogámos com as reservas. Ganhamos por 6-4. De tarde, voltámos a jogar e empatámos: 3-3.

Já sentimos uma grande mudança na nossa equipa!



Já lá vai o tempo de miséria, em Miragaia (Porto). Das aventuras, na rua. Carlitos pousa agora num belo recanto da nossa Aldeia, em Paço de Sousa — maravilhado.

## Cooperativa de Habitação Económica dos Gaiatos

Embora não estejamos profundamente dentro dos grandes problemas da Habitação em Portugal, julgamos ter o conhecimento suficiente para abordar certas situações muito preocupantes.

Começamos pelos jovens casais que pretendem comprar ou alugar casas. Acompanhamos, de perto, a odisséia de dois moços que pretendem moradias. Esbarram com rendas superiores a 30.000\$00 mensais! No que respeita à compra de apartamentos, os custos vão acima dos 10.000 contos. Em ambos os casos, são preços de áreas suburbanas, que se fosse na cidade iriam para o dobro ou mais.

Numa primeira análise quere-nos parecer que para ultrapassar os referidos obstáculos, mas com dificuldades, os cônjuges precisam de estar, ambos, empregados. E se tal não acontecer? O chefe de família poderá, sozinho, suportar os encargos?

Há jovens casais que, logo no início do casamento, devido a dificuldades financeiras para resolverem

o seu problema de habitação, vêem-se empurrados para situações nem sempre aconselháveis.

Nas conclusões do recente encontro de casais da Obra da Rua, em Fátima, um ponto muito focado foi precisamente o grave problema da Habitação, em grande parte responsável por desavenças que, mais tarde, levam ao desfazer do lar.

Para as famílias mais desfavorecidas, o Estado tem muito que fazer — através das autarquias!

OFERTAS — De uma nossa amiga, 500\$00 e estas palavras: «Pequeníssima lembrança para a Cooperativa de Habitação e, logo que possa, enviarei mais. Eu sei o que é não ter casa e sei como é difícil pagar os empréstimos».

De um grupo de irmãos, de Lisboa, 20.000\$00; Queluz, 25.000\$00; Irene, de Lisboa, 10.000\$00.

Já nos chegou às mãos o cheque de 200.000\$00, da nossa amiga, de Lisboa.

Os nossos agradecimentos.

Carlos Gonçalves

# Património dos Pobres

Foram dois dias de corrida. A primeira paragem foi numa vila onde há quatro moradias do Património dos Pobres. Dois moradores querem comprar; os outros deixam-se estar descomprometidos.

É pena que muitos se tenham instalado. Não pagam renda nem procuram conservar as casas em bom estado. Dissemos ao pároco e dizemos a todos os párocos e vicentinos que, na maioria dos casos, é uma situação injusta. Devem comprar ou ajudar outros a ter casa, também.

A segunda paragem, noutra vila. Encontrámos espírito de entreatjada. O pároco aflito com a situação de uma família. Fomos ver. Um casal novo. Cinco filhos pequenos e uma filha bastante deficiente. «*Bebem muito vinho.*» Os dois com pé e mão empanados. Dia de trabalho em casa, que é um antigo palheiro. Pedra sobre pedra e nada de cal. Telha vã. Chão de areia. Toda ampla. A cozinha é um barracão, ao lado. A paredes meias

estão as ruínas do prédio que começaram a reconstruir, há muito. Ao lado, tijolos e telha. Chovia e tudo era um lamaçal a cheirar mal. Procurámos animá-los e prometemos a nossa ajuda. Ficaram a olhar para nós com olhos de pouca coragem. Vamos empurrá-los.

A seguir, parei noutra freguesia. Não há casos extremos. O grupo sócio-caritativo da paróquia tem ajudado algumas famílias.

Segui e fui parar longe. Uma aldeia onde há duas famílias necessitadas, mas que se não querem incomodar. Infelizmente, há muitas assim.

Fui para outra terra. Nível de vida médio. Sem desempregados. Há espírito de família. A igreja enche-se duas vezes. O pároco sente-se feliz e pastor.

Já noutra vila, visitámos uma das moradias, em acabamento, para um rapaz paralítico que se move numa cadeira de rodas. É feita ao gosto dele. Estava a preparar-se para ir aprender a

encadernar livros. Feliz porque vai aprender a trabalhar e pela casa que lhe estão a preparar.

Mais uma corrida e parámos numa aldeia grande. Há uma habitação a reparar, mas as obras estão paradas por causa do tempo.

Noutra subida, até mesmo ao cimo da serra, encontrámos um prédio novo, muito airoso. Só lhe faltam portas e instalação eléctrica. «*A pintura a gente depois vai fazendo*» — disse a viúva com quatro filhos que irão ser os donos da casa. Fiquei maravilhado com todo aquele trabalho feito com amor pelos jovens e outras pessoas daquela terra.

Cheguei e estou a fazer-vos participantes de tudo isto que vi. Esta inquietação tem de ser de todos. Que ninguém fique insensível e acomodado.

Padre Horácio

## DOCTRINA



Datas que chegam à velhice

• Chegou finalmente a hora de comunicar a data precisa do deslocar das Colónias de Férias (...), a última de gaiatas conduzidas por mão caridosa e sabedora das Criaditas dos Pobres. São elas, as Criaditas, e mais ninguém, quem está aí na brecha com fogo aberto, a incutir nas camadas pobres, amor e estima à sua condição, porquanto o exemplo da chamada gente alta também quer aninhar-se no tugúrio e fazer de cada rapariga pobre uma rapariga miserável.

• Nesta época do ano sou forçado a ser impertinente, levando a minha ousadia a ir ter contigo a casa e dizer coisas lindas, além das que digo dos púlpitos abaixo. Não me despeças que eu tenho de pôr a mesa quatro vezes ao dia, bem posta, a três meios centos de garotos; e o dinheiro há-de sair todo, todinho, das tuas algibeiras, que eu felizmente sou pobre e só posso dar o trabalho.

• O visitador do Pobre, quem quer que ele seja, deve viver daquela grandeza de ânimo que é dom do Espírito Santo, para caminhar em linha recta sem jamais desfalecer; e ter aquela alegria sempre viva e recolhida, *semper gaudentes*, que chora quando é preciso, *tanquam* tristes, sem mostrar lágrimas. É assim que nós choramos, no púlpito, a vida angustiada do Pobre que procura levantar-se; e igualmente choramos cabeças oxigenadas, caras pintadas, unhas refulgentes, miséria doirada a impedir que ele, o Pobre, se levante!

• Se a gente pudesse fazer a estes cabides gloriosos o que se faz em Londres aos motoristas desarvorados: conduzi-los à presença dos atropelados e contar-lhes a vida e estragos que lhes causam; se isto fosse possível, digo, talvez por razões diferentes pudéssemos chegar à mesma conclusão: diminuir o número de vítimas. Mas não; as nossas leis ainda não disseram que o excesso de luxo é velocidade que atropela. Nem isto é matéria da lei, mas sim da consciência.

• Trago hoje à barra um caso da Baixa (eles são tantos que quase toda a Baixa é um caso), onde habita uma família de nove, apenas com uma cama de pé, dormindo no chão, sobre papéis da rua, o resto da família. São atropelados! Manda recado para eu ir à tua porta buscar ferros de cama, ou cama completa. Deste ninho vão três avezinhas comigo, na primeira largada.

*D. Amén: 5!*

(Do livro Pão dos Pobres — 2º vol.)

## DIREITOS DA CRIANÇA

Continuação da página 1

Mas tudo que se faça é construir sobre areia se falta o firme da estrutura familiar. «Que o problema da criança é ao fim e ao cabo, o problema da família» — foi lá dito, citando um perito alemão.

É verdade. Onde a Família é e funciona, pode haver problemas pontuais a respeito da criança (sempre os houve e haverá, mesmo nas melhores famílias), mas nunca aquele grande problema de fundo que afecta dezenas de milhar delas em Portugal e, por isso mesmo, justifica este debate.

Quaisquer soluções que se procure para este problema, sem atender, prévia ou concomitantemente, à sanidade da célula social que é a Família como condição de uma sociedade saudável, é mero paliativo que vai entretendo a doença, sem jamais lograr curá-la. Daí que se precisa é de uma revolução de mentalidades sem a qual «de nada serve fazer leis e mudar estruturas». E esta revolução só pode conseguir-se por um empenhamento activo que comprometa o Estado e os cidadãos «numa ampla troca de dons entre os homens que possa trazer o espírito universitário para os momentos mais simples da vida de todos os dias».

É certo. Sem uma política de Família a sério, tudo o que se procure remediar a jussante é esforço baldado, é frustração que todos temos de pagar pelo alto preço de uma endemia social.

Padre Carlos

## CANTINHO DAS SENHORAS

Continuação da página 1

realizámos, com um pouco de boa vontade, qualquer senhora que queira vai realizando».

A D. Helena tem razão. Já deu vinte e tantos anos da sua vida a esta Obra e vive preocupada: — Que haja outras que queiram ser capazes como ela, como as demais.

A verdade é que a mulher de hoje não gosta de sentir-se presa à casa. Gosta de trabalhar fora. O serviço doméstico é escondido; é preciso fazer as mesmas coisas, todos os dias, e nunca está tudo feito. E o trabalho de uma senhora, em qualquer Casa do Gaiato, é, essencialmente, o da mãe que cuida da vida doméstica.

Conhecemos muita gente que nos interpela com as mais variadas perguntas acerca do que somos e do que fazemos. Uma, que me fazem, com muita frequência, e me leva, até, a ter pena de algumas dessas pessoas, é esta: «Sentes-te realizada?» Nem eu nem ninguém no mundo se pode sentir plenamente realizado. Vamo-nos realizando. Somos felizes quando lutamos e porque lutamos.

Onde há rosas também há espinhos, todos o sabemos. Há medo da solidão? Jesus também o teve! Sentiu-o Ele, sentiram-no e sentem-no, hoje, todos aqueles e aquelas que quiseram experimentar, com Ele, de perto, o Pretório, Horto e Calvário. Até no Presépio houve solidão! Não são Presépios vivos, todos os dias, as Casas do Gaiato? Maria seguiu-O na solidão e silêncio, desde o Presépio até à Cruz.

Diz Inácio de Larrañaga no seu livro *O silêncio de Maria*: «Tudo o que

### IMPORTANTE

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

é definitivo nasce e amadurece no seio do silêncio: a vida, a morte, o Além, a Graça, o pecado. O palpitante está latente. *'Silêncio é o novo nome de Deus'.*»

Até os esforços que fazemos para nos deixarmos ir transformando ficam no silêncio. Pouco se nota. Às vezes, nem se dá por isso, ao longo de muitos anos. E precisamos de muita coragem para continuar a lutar sempre no meio deste silêncio.

Mas, a par destes sofrimentos e dores, destes trabalhos, lutas ou canseiras, vêm também as Forças para caminhar. Deus vai superando sem-

pre com as compensações. Ele cala-Se, esconde-Se, mas envolve-nos e manifesta-Se-nos com a Sua presença quando menos esperamos.

Ele diz-nos que são estas as Regras e os Estatutos: «Se alguém quer vir após Mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz, dia após dia, e siga-Me. Pois quem quiser salvar a sua vida por Minha causa, perdê-la-á. Mas quem perder a sua vida por Minha causa, salvá-la-á (Luc.9. 23.24). Eu estarei convosco todos os dias até ao fim. (Mat.28.20)»

Isaura (de Setúbal)

## Tribuna de Coimbra

• Faleceu o Padre Luiz Maurício. Fomos ao funeral, em Torres Novas, dum sacerdote que procurou toda a vida amar a Deus no servir os irmãos. A multidão na igreja e no cemitério louvou o Senhor e despediu-se com lágrimas. O grande grupo, da Amadora, onde foi pároco durante treze anos, manifestou a sua saudade e gratidão.

Começou sua vida sacerdotal a servir na Obra da Rua, nas uossas Casas do Gaiato do Tojal e Miranda do Corvo. Passados dois anos, a saúde não lhe permitia este serviço; dedicou-se ao diocesano. «É um pároco de primeira classe» — ouvi, um dia, dizer a Pai Américo.

Deus tenha em Sua Casa o Padre Luiz Maurício, pois os seus quarenta e dois anos de sacerdócio foram bem marcados por muitos sinais de sacrifício e doação.

• No domingo passado, para mim de muita alegria, fui, longe, batizar o segundo filho de um antigo gaiato. Uma festa de família a que se juntou, também, a alegria da família paroquial. Uma festa no salão-igreja e em casa. O pároco fez bem a união. Senti uma igreja de pedras vivas.

Para o almoço, o Fernando cozeu uma fornada de boroa e assou bacalhau no forno «como na nossa Casa do Gaiato». Foi uma hora de muito convívio aquela que passámos à mesa.

A primeira festa na casa nova, fruto de muito amor e muitas renúncias daquele casal. «Já está toda paga, graças a Deus» — disseram os dois ao mesmo tempo.

Recordei o dia quando, há trinta e oito anos, uma vizinha nos trouxe o Fernandito com três anos. Sem pai, sem mãe, sem parentes. Nunca apareceu ninguém! Foi sempre, e continua a ser, da nossa família. No cozer a boroa, no assar o bacalhau, no pôr a mesa, no amor a todos. Mereceu bem, com a família, esta festa que todos vivemos.

Padre Horácio

# Notas da quinzena

Continuação da página 1

ordem nova, onde todos possam ter o que lhes pertence por direito natural. Seria a celebração festiva, «hoje», do clamor do Povo de Deus: «...Anunciou a Salvação aos Pobres, a libertação aos Oprimidos, a alegria aos que sofrem...»

Desci ao fundo da encosta com os meus companheiros. Vivem, ali, oito pessoas numa barraca. Não te falo de como «vivem» porque não é preciso. Falo-te, sim, de duas pedras preciosas escondidas na lama, de quem nunca se daria conta se não as trouxesse para estas notas. São dois pequenos, de cabelos compridos e olhos vivos, à espera de quem os salve. Por eles, fomos lá. Não te digo que são mais bonitos que os teus filhos, porque não quero magoar-te, mas são lindos. Há-

-de vê-los, um dia, quando vierem para a Casa do Gaiato.

Ao regressar a Casa, já de noite, vinha mais humano, mais completo do que quando saí. A humanidade que está em mim ficou mais rica com a parcela de humanidade que encontrei. Precisamos de abrir as portas do nosso «eu», do nosso «mundo» para acolher o dos outros, dos Pobres. Assim, muita coisa mudará em nós!

Padre Manuel António

*Olha para além do teu ninho humano, aproxima-te e sente a chuva que cai na cama dos que vivem em barracas.*



# NOVOS ASSINANTES

Continuam a chegar. Todos os dias. Graças a Deus!

Há muitos amigos devotados à motivação de novos assinantes. Muitos! Como aquela senhora, de Angeja: «Sempre que posso, vou dar a voltinha. Ontem, foram só sete assinaturas e mais outra que o meu marido arranjou. Nunca esquecerei O GAIATO, todos quantos se entregam de alma e coração à Obra da Rua. Que o Pai Américo continue vivo no meio de vós e não deixe parar os bons corações para darem a mão aos Pobres que vos procuram». Ela percorre várias comunidades da sua região. Anuncia, com muita convicção, a mensagem veiculada pelo O GAIATO. Ela, é uma força de expressão, que as acções são realizadas em casal. A força do Matrimónio!

O Famoso transpõe os umbrais de muitas famílias! Curiosamente, ao longo da sua história, quantas passagens de testemunho de pais a filhos! «Gostaria, também, que mandassem O GAIATO para dois filhos meus, casados. Espero que lhes possa tocar a alma. Tenho sempre fé. O Senhor manda semear e na Sua hora a semente frutificará» — sublinha a assinante 26209.

Manuela, de Ermesinde, pertence a uma gama de leitores-avulso que já reconhecem a vantagem de receber o pequenino mensageiro via postal. Solicita a inscrição e diz porquê: «Tendo-me chegado recentemente às mãos O GAIATO, distribuído por um dos vossos rapazes na empresa onde trabalho, constatei com imenso interesse e satisfação o trabalho desenvolvido pela Obra da Rua a favor dos Pobres — revelado pelo vosso jornal».

Fica muito por citar!

Júlio Mendes

# CARTAS

«Enviei um vale de correio respeitante ao primeiro semestre deste ano. Agradeço completo sigilo. Não precisam de agradecer, pois são apenas umas minúsculas migalhas para a Obra da Rua. É pouco, mas Jesus Cristo sabe com que cuidados eu ando para esconder esta pequena dádiva e não só aos olhos de minha mulher, que embora só lhe falte a saúde, não tem o coração preparado nem sequer para ouvir os sofrimentos, e muitos, que descrevem no 'Famoso'. Que Deus abençoe, lá do Céu, todos quantos estão seguindo o caminho traçado pelo Padre Américo.

Assinante 42282»

«Olá amigos! Como têm passado? Espero que bem.

Meu nome é Fátima. Sou vossa assinante há quase dois anos.

Venho pela segunda vez agradecer O GAIATO e dar uma pequena oferta.

Também sou jovem. Tenho 16 anos, sou estudante e sei que a fase que estou a passar é a melhor da nossa vida.

Deus é bom e está sempre presente em nós para nos ajudar.

Assinante 50837»

«Neste mundo que cada vez menos entendo, tanto o egoísmo, a imoralidade dos espíritos e o materialismo em que a sociedade dita moderna, democrática e civilizada se afunda, a Obra do Padre Américo continua a ser uma mensagem de amor que nos dá a esperança de que nem tudo ainda está perdido.

Assinante 20463»

«Como não tenho palavras para expressar o que sinto, apenas um obrigado pelo vosso jornal.

Que Deus vos ajude a continuar

a admirável Obra que o Pai Américo deixou.

Assinante 19799»

## PARTILHANDO

• Este sol da Covilhã a desenhar com nitidez as courelas do vale! Aconchegadas pelos telhados vermelhos, as casinhas nas encostas lembram salpicos de neve!

Acompanhei o João, que ficou mal disposto da viagem, a uma pastelaria onde nos consolámos com dois galões. Começou mesmo ali a distribuição d'O GAIATO. A cabecita e seus olhos tímidos não chegam ao balcão, só o braço e o jornal estendido.

Uma senhora comprou e, num gesto de enfado, como quem dá uma esmola: «Tão pequenino!»

Será que somos desumanos? Mas é em ar de festa que eles vêm... Todos aspiram por ser vendedores do jornal. Vendedores dum trabalho honesto, sério e dignificante, não mendicantes de qualquer esmola. Não é uma violência. Assim, como quem brinca e afaga uma ideia que traz no coração.

• Neste mesmo dia quis o Senhor que me encontrasse com duas almas devotadas aos nossos rapazes e às crianças pobres. Foi uma hora de bênção.

Cada qual assumiu a adopção de uma menina. Como pais, dando tudo, sem qualquer reserva. Um mergulho no amor ao Senhor e aos irmãos. Um assumir na totalidade: o corpo, a alma, os defeitos e os dons. Como pais que deram o nome e são capazes de dar a própria vida. Assim o Senhor, o nome e a vida.

• Por fim, neste mesmo dia, veio connosco o David, da paróquia de S. Martinho.

Diz o seu pároco: «A mãe teve-o em Lisboa. É solteira e veio trazê-lo aos avós. Acontece que a avó teve uma trombose. Há dois anos que andamos a bater a portas e nada conseguimos. Desculpem a insistência, mas é o drama da situação que nos faz andar de porta em porta».

O David veio. Quis vir à frente na carrinha e que não gostava de sopa. Amanhã, depois de saber que é uma sopa especial feita com as couves da nossa horta, é capaz de comer dois valentes pratos da dita.

Padre Telmo

«Venho pedir o favor de cancelarem a minha assinatura do jornal que, durante anos, foi um dos meus melhores amigos.

Praticamente cega e impossibilitada, pelos meus 83 anos, do grande prazer de o ler, O GAIATO é a última leitura que sou obrigada a suprimir.

Que Deus abençoe e multiplique o vosso apostolado. Muito obrigada por tudo quanto vos devo, pelo que aprendi com a leitura d'O GAIATO.

Assinante 23610»

«Junto a importância de três mil escudos para O GAIATO. Julgo não estar atrasada, mas peço desculpa se tal acontecer. Esta assinatura foi oferta minha, o ano passado, de prenda de aniversário a meu marido. Além disso ansiava ter de volta O GAIATO. Há trinta e poucos anos fui assinante cá; e em Angola, no Duque de Bragança, Santa Maria, depois Luanda, a seguir, o triste regresso. Graças a Deus temos a vida normalizada.

Assinante 5099»

«Junto o meu humilde contributo. É pouco, mas vai junto o meu coração para que a Obra da Rua continue a subir, em bens materiais e, sobretudo, em bens espirituais com a bênção de Jesus e a do nosso Pai Américo.

Leio O GAIATO avidamente e quase sempre os meus olhos humedecem, com páginas de Evangelho no 'Famoso'.

Assinante 31944»

«Não posso passar sem mandar alguma coisa para O GAIATO — de que gosto tanto. Quando chega, leio e releio. Ganho pouco, mas o que me sobra reparto por quem necessita. Ai que pena tenho de, tantas vezes, ver tanto e tão mal gasto! Que jeito faria aos Pobres...! Aqui, na Alemanha, os marcos estragam alguns emigrantes. Deus lhes dê melhores ideias, pois esta vida é uma passagem. Somos caminheiros...»

Assinante 31838»



# Gaiato

Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 752285  
Fotocomp. e imp. offset: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 50078898

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média, por edição, durante o mês de Outubro: 73.575 exemplares.